



## Antígona: a poética de uma luta que não terminou.

Iris Daniele Marcolino da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Em um cenário composto de acontecimentos contraditórios e confusos, a política brasileira perde-se em um labirinto violento e misógino. Aqui são tecidas possibilidades de análises entre: Dilma Vana Rousseff e a sua representação, enquanto corpo feminino político na *pólis*. Evoca-se ao Olimpo, mensagens dos deuses foragidos, já que os humanos que nesta terra habitam, são indigentes e perpassados pela tragédia e pelo cômico. É a partir desta solidão e desamparo que a mulher, a qual, por sua vez, será nosso objeto de análise, evoca Antígona e transcende os protótipos da mulher ausente, modelo vigente e antigo, que ainda é conservado por alguns. Antígona é a voz daqueles que já foram; dos que ainda vivem; dos que não foram enterrados e daqueles que lutam para ser enterrados. *La loba* é parte da Antígona. E vice-versa. Elas coexistem. Este ser chamado mulher ainda hoje é um mistério que não será revelado em sua totalidade porque a mulher é *devir*. Quadrante de lados desencontrados; estruturas intactas que vivem em perigo. Há registros trágicos nesta atmosfera que é considerada inexorável à história de luta da mulher como corpo político na *pólis*.

**Palavras-chave:** Antígona, Tragédia, *Luta*, Pólis, Desejo.

### INTRODUÇÃO

O corpo político da mulher por muito tempo esteve calado ou afortunado em massacres ideológicos. Na era atual, principalmente no inenarrável ano de 2016, ouviu-se; falou-se e passou-se por entre realidades e surrealidades em relação a entraves políticos e disputas no Brasil. Principalmente quando observa-se o paradoxo do feminino político que esteve em cena no ano que corre. A partir da relação estabelecida entre o texto de “Antígona” de Sófocles e o cenário conjuntural da política brasileira, a partir do processo de impeachment. Serão também, observadas o significado do trágico cenário que descortinou-se na sociedade brasileira, o qual teve uma mulher em foco, ou melhor o corpo feminino político desta. A partir da tragédia de “Antígona” Sófocles apresenta a perseguição sofrida pela mulher desde muito cedo, apresentando a luta por direitos e legitimidade. É possível analisar através de comparações de um texto tão antigo e atual, que a tragédia pode ser assistida de perto na política brasileira. Vale

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal - UFSC, [iris\\_marcolino@hotmail.com](mailto:iris_marcolino@hotmail.com)

salientar que os personagens tanto do texto clássico de Sófocles dialogarão com o drama político em estudo a partir da figura do feminino político da presidenta Dilma Vana Rousseff e do vice-presidente Michel Temer alinhando-se a partir dos personagens de Antígona e Creonte no texto.

## METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho baseou-se na análise do texto clássico de Antígona. Também, interligando-o aos fatos ocorridos no Brasil em 2016, onde para isto foi utilizado algumas publicações do diário Oficial da União. Este escrito também utiliza de referência bibliográfica.

A metodologia é de cunho qualitativo, realizando-se a partir da interpretação do texto filosóficos clássico e poéticos, que pretendeu *investigar* a possibilidade de diálogo entre Antígona e o processo de impeachment.

## DESENVOLVIMENTO

### **Antígona o corpo político de uma mulher de sempre**

Uma mulher de fome voraz, sensitiva, misteriosa, caçadora, justiceira, capaz de mapear e disputar territórios, loba, curandeira. Advogada do povo e contestadora do Estado. Destemida e temível. Manifestação e evocação da vida e da morte. Polissemia de seres em uma e em várias. Manifestação da luta. Catarse de possibilidades. Surpresa e mistério. Antígona guerreira e profana, salvadora e amaldiçoada. Política e anarquista. Mãe e filha. Quem é você, Antígona? E em quantas você existe?

A mitologia utiliza ferramentas, que por vezes são enigmáticas, para apresentar de forma artística o drama e a real experiência existencial em curso. Nos dias de hoje, evocar a lira da tragédia grega “Antígona” de Sófocles é solicitar auxílio desta categoria artística para interpretar a surrealidade usurpadora que procrastinou a política brasileira. Relacionar Antígona à vivacidade do violento golpe sofrido pela Democracia na figura do “feminino” da Presidenta Dilma Vana Rousseff no ano de 2016, implica a volta do massacre ideológico aplicado pelos aglomerados machistas e suas organizações patriarcal-conservadoras que

buscam a anulação do corpo da mulher enquanto sujeito participante da construção política da *pólis*.

A trilogia trágica de Sófocles: Édipo Rei, Édipo e Antígona reúnem estruturas possíveis para diversas leituras. Antígona, texto escrito entre 496 a.C e 406 a.C, estará em foco neste artigo.

Serão utilizados aqui trechos do “Antígona” para análise e comparação histórica com o momento brasileiro que não diz de uma política, mas de sucessivos crimes de ordem ética contra a figura da mulher. Serão destacadas as personagens de Antígona e Creonte, tio da mesma, relação aqui estabelecida, no campo do possível, a partir relação entre Dilma Vana Rousseff (Presidenta da República) e Michel Temer (Vice-Presidente da República) e seu projeto político, em sua luta pelo trono no polêmico espetáculo do *impeachment* da presidenta eleita. Vale ressaltar que não é objeto de análise o processo de afastamento e seus desdobramentos partidários, mas a representação simbólica desta relação para o campo do feminino e da filosofia.

Há entraves desafiadores neste debate, a existência desta transcrição filosófica que narra um cenário *anti-político* e machista no Brasil, e sabe-se que o falar e refletir Feminino são dispositivos que acionados salvam um povo e desativados matam aquelas que se arriscam por linhas tão sinuosas lutando por direitos e igualdade, assim como fez a Antígona. Este escrito é um olhar sobre a repetição da tragédia na vida da *pólis* mesmo que em vezes, apresente-se de forma cômica, em suas diversas performances, numa tentativa de rememorar o quanto a mulher já foi morta *física e ideologicamente* em diferentes cenários do tempo histórico. E quanto vale um suicídio para uma mulher contemporânea.

Na mitologia grega, após a morte de Édipo Rei, suas filhas, Antígona e Ismene, retornaram à cidade de Tebas onde os irmãos Etéocles e Polinices disputavam o trono. O acordo político feito entre os irmãos definia que eles se revezariam no poder por períodos de um ano. Etéocles seria o governante no primeiro ano e Polinices no segundo, e assim sucessivamente. Após o período de um ano, o acordo de revezamento entre os irmãos não aconteceu, pois Etéocles não cumpriu sua parte no acordo e não passou o governo às mãos do irmão. Etéocles e Polinices terminam mortos, um pela mão do outro. (SILVA, 2004, p. 22)

Primeiramente, os dois cenários contemplam a mesma disputa: um trono. O poder. No texto de Empédocles, o tio de Antígona é o delator do juízo final do mito. Continuando, a finalização dos últimos atos principais de “*Antígona*”, a cidade de Tebas passa a ser governada por Creonte, tio de Antígona, que determina para Etéocles um funeral com todas as homenagens

cabíveis a um ex-governante tebano, visto que ele morreu lutando por sua cidade; e para Polinices, que era considerado um traidor, condenou-o a não se sepultado, prometendo a morte a quem o enterrasse e desobedecesse assim a leis dos homens. Antígona, desrespeitando essa lei, enterra o irmão sem a ajuda da irmã Ismene. Antígona resolveu enterrar o irmão, mesmo que para isso pagasse com a própria vida, e ela sabia que sua morte também estava posta pelo trágico. Hêmon, noivo de Antígona e filho de Creonte, decidiu suicidar-se em frente ao túmulo da noiva, que fora condenada pelo tirano Creonte a ser enterrada viva. Eurídice, mãe de Hêmon e mulher de Creonte, também decidiu pelo suicídio após a morte do filho. (SILVA, 2004, p. 22)

A presença do trono, mortes e suicídios são acompanhadas de transgressão e desobediência. Ódio e ressentimento. Traição e injustiça. Antígona representada pela mulher que transgrediu a ordem do Estado, ao se opor a não enterrar o irmão, transforma-se na figura fazedora de justiça. E portadora da voz dos deuses. O seu tio Creonte decreta que a sua altivez contra ele demonstra um tipo de masculinidade, comparando a força lúcida da mesma uma ferramenta não existente na mulher adequada para viver como espectadora da *pólis*, pois, “É evidente que sou mais homem, e ela o homem se eu deixar impune a petulância.” (SÓFOCLES, 2002, p.22). A voz da mulher é um ato revolucionário dentro de uma sociedade machista. O seu corpo é expressão de luta. Ela é ativa e voraz.

O lugar do trono, a partir da relação estreita existente entre o homem e o mesmo, este, o lugar do poder, da ordem e da autoridade é onde a mulher não pode estar. A mulher não estando livre nunca poderá sentar-se em um trono ou existir na sua vasta possibilidade semântica, pois, a liberdade em si é cerceada, e a mesma autentica a possibilidade da existência enquanto potência criadora.

A presença sangrenta de suicídios e toda a matança que circunda a tragédia “Antígona” não somente parte de uma composição que estrutura uma categoria poética-artística, *todavia*, vai mais além. Para Judith Butler que em sua obra “*O Clamor de Antígona parentesco entre a vida e a morte*” analisa e estrutura a perspectiva da mulher enquanto ser político que precisou ser calada e morta, em certo momento para que não chegasse nesse lugar de poder e ocupar o “trono” lugar do homem e de sua autoridade, a partir da concepção machista. A significação da palavra *sangue* está relacionada para Butler como sendo a representação da luta do feminino a partir da figura da Antígona,

Antígona não significa precisamente uma linhagem saguúnea, mas algo que se assemelha a um “derramamento de sangue” aquilo que os Estados autoritários usam para se manter no poder. O feminino, por assim dizer, torna-se isso que subsiste, e

o “sangue” passa a ser a figura gráfica para esse traço que ecoa como parentesco, uma refiguração da figura da linhagem consaguínea que acentua o violento esquecimento das primeiras relações de parentesco na fundação da autoridade simbólica masculina. (BUTLER, 2014, p.21)

O derramamento de sangue no processo de emancipação do feminino político pode ser observado na transformação do ciclo que passa da modalidade: passiva para ativa ou do silêncio para a fala. “Antígona representava a petulância, a ousadia, a coragem, o desafio e a transgressão, papéis tradicionalmente relacionados a indivíduos do sexo masculino.” (SILVA, 2004, p. 24) O objeto aqui, em análise a partir da relação da Antígona com a Presidenta Dilma Rousseff, é estabelecido pela projeção da vida e obra da presidenta com a tragédia grega, que agrega o processo de violência sofrida pela mesma, no período da ditadura e agora, em Maio de 2016, no seu afastamento para andamento do processo de impeachment com o vice-presidente interino: Michel Temer. Ela presenciou todas as articulações grosseiras e machistas sobre o seu corpo político. Mas, será o que será isso que ocorre toda vez que uma mulher consegue aproximar-se do trono? Pois, assim o fez Antígona. Aproximou-se do trono por desejo. E no final, por desobedecer às ordens do Rei, operou o fim da sua história com suas próprias mãos, não aceitando a determinação falta advinda do Rei.

O desenvolvimento dos atos na tragédia “*Antígona*” é condicionado em finalizações inusitadas e sem volta, como no caso dos vários suicídios, que na verdade demonstram o desaparecimento do personagem, o que sinaliza a sua incapacidade e falta de forma enquanto ferramenta atuante na ação. Ou pode-se até mesmo por uma forma de omissão a situação vivida, ou por negar-lhe o fim a esta continuação do enredo trágico em questão. Como por exemplo, a finalização do noivo de Antígona que inconformado com a morte de sua amada sob ordens de seu pai Creonte, suicida-se em frente ao túmulo dela, como forma de repúdio à atitude do pai.

Percebe-se que a mulher na figura de Antígona é portadora de um discurso fluente, que por sua vez, torna-a uma porta voz do feminino o qual está representando. Esta mulher entranhada de sentidos estabelece com a vida um elo inenarrável de dor e desejo “Ela está fora dos termos da pólis, porém ela é um exterior sem o qual a pólis não poderia existir. (...) Afinal de contas, ela fala, e fala em público, justamente quando deveria ser sequestrada para dentro do espaço do domínio privado.” (BUTLER, 2014, p. 21) A mulher é uma fera que precisa ser

adestrada, para agradar o estereótipo da mulher ausente. Que logo, não fala. E assim, também não existe e não cria.

Então, esta mulher na figura de Antígona é analisada aqui, a partir da figura da presidenta Dilma e o Creonte na figura do vice-presidente Michel Temer. Tal abordagem é possibilitada através do discurso que foi construído durante a vida e seus entraves; na sua luta pelo direito à liberdade e a democracia sempre presente e em construção na incansável luta na figura da mulher e presidenta Dilma, e visto que, Creonte por meio da pessoa de Michel Temer é o Estado-castigador e governante provisório-ilegítimo, assumindo o trono no intuito de promover mudanças que alteram e por determinações conservadoras sem diálogo com os coletivos que antes ali estavam representados. E por que não pensar que esta aproximação dominante patriarcalista em pleno século XXI não diz de um retrocesso de direitos, onde o desejo oculto é a volta do Estado de Creonte? Um reino governado por homens e ditadores míticos que, como alguns dizem, representam os deuses em seus juízos. Então, que poder assustador possui Antígona? A mulher é em si um poder. Um trono.

Quando Antígona luta pelo que acredita ser o mais importante ela representa a possibilidade de mudança. Este comportamento subversivo de Antígona, analisado a partir da ótica de gênero, ou seja, à luz do feminismo histórico, representa o rompimento às amarras de submissão e silenciamento impostos às mulheres ao longo dos anos. Olhar Antígona, focalizando nela mais do que a mulher que segue a lei do *oikos* - *família*, é olhar para as mulheres contemporâneas, que vêm historicamente lutando para conquistar espaços onde aconteçam à equidade de gênero. (SILVA, 2004, p. 25)

A revelação enquanto possibilidade de libertação é uma conquista da mulher histórica-mítica que atravessa o corpo ideológico da mulher contemporânea, e isso é ininterrupto, inquebrável e traspassável. É possível pensar que a cada minuto estão sendo formadas Antígonas. Pois, não cessa a mística de compartilhamento, visto que vivemos em uma sociedade conectada em redes digitais, instantâneas e híbridas porque sempre estão a se refazer e desfazer. Sabendo que não é visto a olho nu o rompimento ideológico das mulheres em luta castradas e perseguidas por aqueles que negam a emancipação do corpo feminino político. Esta formação política feminina é vista através do traspassável porque é transmitido e transformado de forma discursiva e gestual: atitudes e atividades que salvarão em algum momento as Antígonas contemporâneas do mundo. Porque a vida e a morte são elementos

construtores e tornar-se mulher é “*constru-ir-se*” das cinzas. Na relação vida-morte-vida de Antígona, segundo Butler,

Embora Antígona morra, seu feito permanece na linguagem mas qual é o seu feito? Esse feito é e não seu, uma transgressão às normas de parentesco e gênero que expõe o caráter precário dessas normas, seu poder de transferência subido e incomodo, além de sua capacidade de reiteração em contextos e de formas que não podem ser totalmente antecipadas. Antígona não representa o parentesco em sua forma ideal, mas em sua deformação e deslocamento, colocando em crise os regimes reinantes de representação e levando a questão de quais poderiam ter sido as condições de inteligibilidade que teriam tornado sua vida possível. (BUTLER, 2014, p. 47)

A existência de um protótipo de mulher, no qual Antígona esteja representada, ideologicamente, até mesmo sem saber, comunica-se com os frutos das ações trágicas e modernas da luta por igualdade nas sociedades. A transgressão é o impulso para a criação de novos olhares e fazeres acerca da vida e dos laços humanos que sobrevivem as disputas.

Muitas são as violências cometidas sobre a Antígona contemporânea. Compreender as propriedades expressivas que cercam o Golpe Machista hoje, no Brasil, é diagnosticar o avesso do que não é visto. O desdobramento de uma sociedade que dialoga respeitosamente com os diferentes é uma nova possibilidade de vida que seja possível para todas e todos podendo coexistir com segurança e experimentando suas escolhas livremente.

A mulher enquanto projeto político reivindicador é uma ponte, ave a voar no céu, onde se vê o início e não se encontra o fim, partindo do pressuposto que a luta só terá fim quando todas as mulheres forem livres. E esta é uma das máximas existentes na luta por equidade social feminina. Mas haverá alternativas possíveis que legitimarão Antígona como pertencente ao trono? Até quando irá durar essa luta sangrenta? O que há nesta Antígona brasileira que incomoda profundamente a conjuntura conservadora atual?

Bem, a coexistência febril de Antígonas na sociedade recria o cenário no qual a Antígona em Tebas foi perseguida, enterrada viva e morta, por negar a ordem do Estado. “Antígona age, desafia a lei, sabendo que a morte é a punição, mas o que impulsiona sua ação E o que impulsiona sua ação em direção à morte? Seria mais fácil se pudéssemos dizer que Creonte a matou, porém Creonte apenas a expulsa para uma morte em vida, e é dentro dessa tumba que ela tira a própria vida.” (BUTLER, 2014, p.49)

Assim, torna-se fácil perceber que protótipo de mulher o Estado não autoriza estar como peça construtora de política. Quem são os atuais Creontes atuantes no cenário em análise? A apologia violenta que vem sendo direcionada contra o corpo da mulher é uma força destruidora advinda da não aceitação dessa existência enquanto corpo político feminino. A mulher é uma anunciação da natureza enquanto vitalidade e sabedoria em vida. Seu corpo não é perseguido por acaso. Ela produz vida quando gera um ser dentro de suas entranhas, e quando não autorizado o acasalamento, a mesma é violentada e desdita. Negada e perseguida. Porque esta mulher a qual estamos observando é um corpo livre, aberto... Mas que por muito tempo foi desautorizado a existir enquanto produção e inclinação para experimentar o que é estar viva. Foi um corpo desautorizado à fala. Coagido. Censurado e cesurado.

Os vestígios dessa guerrilheira a atende pelo nome de Dilma Vana Rousseff e esta representa a passagem vestigiosa das deusas em guerra. Não é a toa tamanha perseguição e anulação deste corpo que fala e reivindica dignidade. Esta Antígona foi enterrada viva, e partes suas foram mortas, torturada.

Privação de direitos, calúnia, prisão, tortura, ressentimento, negociações, rastreamento e morte são alguns dos golpes sofridos por um corpo marcado pela anulação de sua existência enquanto possibilidade de transformação social. Mas porque isso ocorre no atual momento? Talvez, porque o projeto político de esquerda representa para o campo social uma multiplicação de Antígonas, haja vista que esta cesura só está sendo permitida porque se notou de alguma forma a fabricação ideológica de Antígonas e sua representação na *pólis* brasileira. A caricatura *creontesca* aqui, não é observada apenas na figura de um homem, mas representa a existência truculenta do machismo mascarado muitas vezes, de projeto político e de algum modo provisório, sendo assim,

O que é claro, no entanto, é que Creonte *quer* que sua palavra seja conhecida e honrada pela *pólis* inteira. De forma similar, Antígona não abandona a possibilidade de tornar sua rebeldia conhecida. Quando Ismene a aconselha no início da peça “Não reveles a ninguém teus propósitos” (84) Antígona responde, “Fala, peço-te! Muito mais odiosa me serás calada. Declara tudo a todos” (86-87). Como Creonte, pois, Antígona deseja que seu ato de fala se torne radical e amplamente público, tão público quanto o próprio decreto. (BUTLER, 2014, p. 50)

A voz de Antígona é pública e tem por desejo reivindicar a vida em vida através do viés das possibilidades do feminino político existente na *pólis*. O enredo da tragédia é



composto sobre tecidos de vida e morte. É possível visualizar o clamor de Antígona, pois sabe-se o quão forte é o seu desejo. Foi esse desejo transitório; pungente; atropelador; constante; incorpóreo, materializado e constituído de mistério que ela não abriu mão do desejo de fazer justiça com suas próprias mãos, mesmo que isso viesse a abri-lhe a própria sepultura, já que sua morte estava dada. “O desejo de Antígona, porque é a representação máxima, radical e trágica do desejo levado às suas últimas consequências. (FURTADO, 2013, p. 32)

É na vida, fora dos palcos, que a vida imita a arte, que a fala da mulher, observada como estrutura, habitada pela mística da vida selvagem que está enraizada em sua natureza originária (ESTÉS, 1994), é uma entidade que reúne em torno de si debates complexos acerca de seu corpo que diz legitimamente sobre sua existência. A mulher é um mar profundo de águas misteriosas. Mas é por ser mar, que essa mulher escorre e adentra tão misticamente na sociedade governada por homens-creontes.

As mulheres que aqui correm com lobos, cantam sobre os corpos mortos. E juntam os ossos dos corpos que precisam descansar. Deixa o que é vivo viver e o que precisa morrer chegar ao seu fim. Clarissa Pinkola Estés, pesquisadora em estudos multiculturais, autora da obra “*Mulheres que correm com lobo*” faz analogias entre mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem anunciando bravamente em sua obra a existência da mulher em sua figura de loba – mulheres selvagens, na sociedade, protótipo este que vive sendo embaçada pelas demandas da sociedade concretista e imediata. Mas mesmo assim, é possível visualizar essa loba apresentada como mulher selvagem na *pólís*, por Estés.

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando as mulheres estão com a Mulher Selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior. (ESTÉS, 1994, p. 21)

Antígonas são lobas selvagens e sensitivas. Elas protegem seus filhotes do perigo da noite e do mal tempo. As lobas andam e agrupam-se em alcateias. Elas cantam sob o luar. E buscam perseverantemente seus alimentos e alimentam também, os seus. Possuem um olhar perspicaz sobre sua presa. “A loba canta sobre os ossos que reuniu. Cantar significa usar a voz

da alma. Significa sussurrar a verdade do poder e da necessidade de cada um, soprar alma sobre aquilo que está doente ou precisando de restauração. Isso se realiza por meio de um mergulho no ponto mais profundo do amor (...)" (ESTÉS, 1994, p. 45)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é por defesa ou por preferenciar um a outro partido que esta análise foi desenvolvida. Mas sim, pela misteriosa presença do feminino manifestado a partir do corpo político de Dilma Vana Rousseff. A loba existente na Antígona é uma leitura contemporânea do olhar sobre o multifacetado corpo da mulher e sua forma mística natural. O desejo<sup>2</sup> propulsor e conduzidor. Construção e vazio. Morte e vida. Foi e é ferramenta que alimenta alcateias políticas de agora, e para além mundo. "É na travessia dessa zona que se revela o desejo" (FURTADO, 2013, p.33) e ela não o negará. Não é possível aqui, detalhar com precisão as diversas agressões expressadas por meios digitais ou não, entidades, grupos ou qual denominação se dê a esse movimento grosseiro-violador dos direitos da mulher que está instalado no Brasil. Sem poder adentrar em tantas outras capas de revistas e informações espalhadas nas redes sociais, aqui, nos limitaremos a um exemplo, da ação do suposto império ou Estado de Creonte, com essa chamada que foi publicada na revista eletrônica: Carta Capital<sup>3</sup>. "Quando a misoginia pauta as críticas ao governo Dilma: capa sexista da revista "IstoÉ" coroa momento em que o machismo é a regra para atacar presença de mulheres na política<sup>4</sup>."

Em tempos cinzentos e odiosos a fala de Antígona no verso 524, diz sobre um desejo de vida em liberdade plena no viver. "Não fui gerada para odiar, mas para amar". (SÓFOCLES, 1999, p.41, verso 524). Em uma fala ela expressa a voz de um feminino selvagem que tem por herança a guerra, mas em suas entranhas produz vida e amor. Para finalizar "Não está ao alcance dos mortais evitar o que está determinado." (SÓFOCLES, 1999,

---

<sup>2</sup> O desejo aqui é concebido a partir, do olhar lacanianiano sobre a Antígona. Que está presente no seu Seminário 7. (LACAN, J. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

<sup>3</sup> Publicado em 02/04/2016 19h29, última modificação 02/04/2016 20h27.

<sup>4</sup> "O jornalismo político brasileiro está fora de controle, mas, se perguntado, dirá que loucas são as mulheres. O mais recente exemplo é a escolha de expressões publicadas na capa da revista semanal *IstoÉ* em chamada para reportagem que se propõe a denunciar a "perda de condições emocionais" da presidenta Dilma Rousseff para manter-se no governo. Lê-se:

*"Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País."* Acessado 04/07/2016 no link: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/quando-a-misoginia-pauta-as-criticas-ao-governo-dilma>

p.96) já que Antígona era representante da justiça dos deuses. Sendo assim, que as lobas cantem e que as Antígonas não cedam seu desejo.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona: Parentesco entre vida e morte*; tradução André Cechinel.- Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

ESTÉS, Clarissa. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*; tradução de Waldéa Barcelos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FURLIN, Neiva. *Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social*. Revista Soc e Cult., Goiânia, v.16, n.2, p.395-403/dez.2013.

OLIVEIRA, Rosa. *As profanações de Antígona: conjugidades, família, gênero e homoerotismo*. Revista Eletrônica Academia acessado em 07/07/2016 no link:

[https://www.academia.edu/1726746/As\\_profana%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Ant%C3%ADgo\\_na\\_conjugidades\\_fam%C3%ADlia\\_g%C3%AAnero\\_e\\_homoerotismo](https://www.academia.edu/1726746/As_profana%C3%A7%C3%B5es_de_Ant%C3%ADgo_na_conjugidades_fam%C3%ADlia_g%C3%AAnero_e_homoerotismo).

STEIN, Ernildo. *Pensar e Errar: um ajuste com Heidegger*. Ed. Unijuí, 2011.

SANTOS, José. *Morte e vida na Antígona de Sófocles*. Revista Archai n.8, jan-jun 2012 pp 21-25.

SILVA, Jeane. *A Tragédia de Antígona sob a ótica de gênero*. Revista Ártemis vol.I, dez 2004.